

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18. n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	6.º ANNO—VOLUME VI—N.º 173	REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3\$800	1\$900	\$950	\$120	11 DE OUTUBRO 1883	LISBOA. RUA DO LOBETO, ENTRADA PELA RUA DAS CHAGAS, 42 Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.
Possessões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	—	—		
Estrangeiro (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		
Brazil (moeda fraca)	15\$000	7\$500	—	—		

CHRONICA OCCIDENTAL

Tinhamos já feito o plano da nossa chronica de hoje.

O extraordinario caso do rei de Hespanha em Paris fornecer-nos-hia uma larga parte d'essa chronica; a sessão inaugural do Conservatorio Real de Lisboa, com a exposição das suas salas novas e do seu novo theatro, e com a leitura do relatório do illustre director do Conservatorio, o sr. Luiz Augusto Palmeirim, relatório que versava especialmente sobre o ensino das artes scenicas em Portugal, dar-nos-hia outro forte subsidio; o resto ser-nos-hia dado com certeza pela recita de curiosos na Cruz Quebrada, recita que para ser notavel bastava ter por ensaiador Pinheiro Chagas, e provavelmente pela abertura do theatro de S. Carlos, a inauguração da epocha lyrica, apresentação dos cantores, etc., etc.

Parecia portanto que a chronica estava acabada, e restava apenas o trabalho facilimo e rapido de a escrever.

Pois não estava, e tanto que a nossa chronica não vae ser nada d'isso.

Quando a iamos começar, tendo já a pullular nos bicos da nossa penna todos os adjectivos de espanto pelo singular e incomprehensivel procedimento de Rochefort e dos seus apaniguados, procedimento que comprehendiamos perfeitamente se em vez de amotinadores serem capitaneados pelo redactor da *Lanterna* o fossem pelo sr. de Bismarck, ainda recebemos dois livros novos, ainda humidos dos prelos, dois livros notaveis, por diversos titulos, e que se impozeram immediatamente á nossa curiosidade como os seus authores se impoem de ha muito á nossa estima e á nossa consideração. Não podemos resistir a folhear-os, e folhear foi elle que a noite passou toda e nós estavamos ainda presos a esses livros pelo encanto do talento que irradia em todas as paginas d'um d'elles, pelo interesse da investigação que ha em cada periodo das longas paginas numerosas do outro.

Esses livros são os *Allegros e Adagios* de Jayme de Séguier, e a *Historia do Theatro de S. Carlos*, por Francisco da Fonseca Benavides.

Não conhecemos na moderna geração litteraria de Portugal, talento mais fulgurante, mais espontaneo e mais precoce que o de Jayme Seguíer.

E tão real e possante é esse talento que venceu glorioso um dos maiores obstaculos conhecidos ao desenvolvimento das carreiras litterarias — o periodo terrivel e esterelizador de menino prodigio.

Jayme de Seguíer foi um dos mais assustadores *enfants prodiges* que temos encontrado na nossa vida.

Conhecemol-o exactamente n'essa epocha medonha. Elle era um pequenote de jalequinha e bonet, muito direito, muito grave, muito homeminho, procurando unicamente a convivencia dos homens de letras, discutindo altas questões litterarias e artisticas, com um grande ar de sabio, um tom pedantesco e impertigado, uma grande somma de conhecimentos, que o tornavam um rapazinho insupportavel e presagiavam assustadoramente um formidavel pateta, n'um futuro proximo.

A primeira vez que lhe fallámos foi no camarim de Emilia Adelaide, então no auge do seu esplendor, no theatro de D. Maria.

Lembramo-nos ainda perfeitamente d'essa noi-

te: — estavam no camarim Ramalho Ortigão, Eça de Queiroz, que raro apparecia então e hoje, pelos palcos, Pinheiro Chagas e o pobre Biester.

Jayme de Seguíer appareceu, mettu-se logo na conversa, com uns ares petulantes e impertinentes de sabio recém-nascido, que nos deram d'elle a mais deploravel idéa.

A sua intervenção no dialogo matou logo o vacuo delicioso que alli havia. Os seus ares impertigados aborreceram a todos, cada um se foi levantando, e d'ali a momentos Jayme de Séguier ficava só no camarim com o Ernesto Biester, que não podia safar-se por uma razão muito parecida com a d'aquelle pobre homem que não podia sahir d'uma soirée onde os seus convidados se enfasiavam dolorosamente.

— Vamos-nos embora, isto é uma massada intoleravel. Venha d'ahi.

— Eu não posso ir.

— Porque?

— Porque sou o dono da casa.

D'ahi por deante começamos a encontrar frequentemente Jayme de Seguíer; principiámos a dar-nos com elle, nas inevitaveis relações que o mesmo meio de vida impõe: d'ali a tempos, essas relações estreitavam-se pelos laços mais duradores da verdadeira e solida amizade.

Vimos então, na convivencia intima que Seguíer não era um pedante assoprado pela vaidade, mas sim um rapaz muito novo que sabia muito, a serio, e com criterio são; que não era um *menino prodigio*, mas simplesmente um talento prodigioso.

E atraz d'esse talento que irradiava prematuramente com toda a pujança e toda a seiva da plena maturação, havia um character nobilissimo, que se desenvolvera tambem prematuramente com todas as grandes qualidades viris de integridade, de seriedade, de directura, e de lealdade proba e inquebrantavel, que fazia juntar á admiração sympathica pelo talento juvenil do pequeno Seguíer, a estima verdadeira pelo seu character honrado de homem de bem.

E essas qualidades brilhantes e raras de espirito e de coração foram-se pondo em evidencia, foram transformando em sympathias entusiasticas todos os sorrisos desdenhosos e trocistas que a sua gravidade de homeminho fizera nascer, e quando Jayme de Seguíer chegou á idade em que para muitos começa a aprendizagem da vida litteraria, elle encontrou-se já em plena nomeada, cheio de gloria incontestavel e incontestada, coberto de applausos e de homenagens de todos aquelles, que annos antes se riam d'elle.

As suas poesias em que o talento trsbordava das formas fina e correctamente cinseladas da mais *savante* e primorosa arte moderna, fizeram sensação na lit-



COSTUMES PORTUGUEZES — UMA VENDEDEIRA DO MERCADO, NO PORTO
(Desenho de M. de Macedo)

teratura portugueza, que lhe abriu de par em par as portas dos gloriosos: mais tarde, nas correspondencias, escriptas dia a dia, a correr, para um jornal do Porto, mostraram que no notabilissimo poeta havia um prosador extraordinario, um humorista de primeira ordem, que trasia para a chronica facil e alegre de todos os dias, mais que o bom dito que faz sorrir, o estylo vigoroso, e opulento que encanta; o talento brilhante e radioso, que deslumbra.

O livro que hontem nos visitou, é um *recueil* d'essas poesias dos vinte annos: é um volume pequeno, um primor typographico que disputa primasias com os melhores trabalhos typographicos lá de fóra. Chama-se esse volume *Allegros e Adagios* e Jayme de Seguíer dedica-o á memoria do seu avô, o grande e immortal jornalista Antonio Rodrigues Sampaio.

Os *Allegros e Adagios*, dil-o Jayme de Seguíer, «cantam simplesmente com o entusiasmo que os frios temperamentos possuem n'esta quadra da vida, as verdades e as bellezas eternas — o amor, as creanças, as aves e as flores.»

São versos de mocidade, alegres, entusiastas, radiantes, vasados nos mais elegantes moldes da poesia moderna e que nos collocam na terrível difficuldade da escolha para fazer qualquer transcripção. Uns dos que dão mais idéa do tom peculiar do poeta, e da espontaneidade da sua fresca e uberrima imaginação, são os escriptos no Bom Jesus do Monte, inspirados de momento pelo maravilhoso espectáculo d'aquella montanha; são uns versos pantheistas que Jayme de Seguíer escreveu na parede do terraço do Cedro.

Vastidão! quando contemplo
o teu ambito infinito,
sinto o respeito que um templo
póde inspirar a um precito.

A briza que traz da escarpa
ondas de aromas vitaes
como nas cordas de uma harpa
dedilha nos cyprestaes.

Os orgãos dos arvoredos
tocam musicas extranhas
e esses monges — os rochedos,
prégam do alto das montanhas.

Ao doirado altar do oriente
cinto de fulvo arrebol
da opa resplandecente,
sob o sacerdote — o Sol.

Murmurios vagos de preces
ascendem — hymnos, hossanas...
Ao vento inclinam-se as messes,
como multidões humanas.

Pelas esplendidas naves,
sob as abobadas santas,
ouvem-se os psalmos das aves
ondula o incenso das plantas.

Acolá uns troncos rudes
curvos talvez p'lo tufão,
tem beatas attitudes
de crentes beijando o chão,

e esse magnífico cedro,
que ha tres seculos surgiu,
sente a tristeza de Pedro,
chorando porque mentiu!

Nos *Allegros e Adagios* ha tambem umas tres ou quatro poesias escriptas em francez, com a mesma elegancia, correção e *entrain* com que o moço, e já illustre poeta, cinzela finamente a lingua portugueza.

E' um livro encantador, o livro de Jayme Seguíer, o primeiro publicado pela nova casa editora de Caetano Alberto & Faro, que mostra já assim com factos, que vai prestar grandes serviços á litteratura nacional.

E tão encantador é esse formoso livro, que levados pelo prazer de fallarmos d'elle, e do seu illustre auctor, um amigo querido ausente, não deixámos espaço para as nossas considerações acerca do incidente do rei de Hespanha, para a nossa noticia da recita da Cruz Quebrada, e apenas teremos umas rapidas linhas para a abertura do theatro de S. Carlos.

E não o lamentamos, porque as considerações acerca da apoupada feita em Paris ao rei Affonso XII, estão feitas por toda a gente sensata, e pela propria imprensa republicana de Paris, além de que o incidente parece terminado com dignidade para ambos os paizes, a França e a Hespanha; e em quanto á recita da Cruz Quebrada, só por ouvir dizer podemos saber aquillo, que advinhavamos pelos nomes das gentis senhoras que n'ella tomavam parte, que foi maravilhosa: uma doença que escolheu má hora para nos atacar, impediu-nos de utilisarmos em proveito proprio o bilhete de convite, que nos honraram.

A inauguração do theatro de S. Carlos foi um triumpho enorme para a grande cantora Borghi-Mamo.

Durante estes dois annos d'ausencia a voz da brilhante prima dona robusteceu-se ainda mais, aprimorou-se se ainda lhe era possivel, com a pratica, e desmentindo uns boatos que correram em tempo, de prematura decadencia, Borghi-Mamo reapareceu em completa plenitude de talento e de voz, enchendo o theatro de S. Carlos com o deslumbramento da sua garganta prodigiosa, da sua arte correctissima e do seu genio dramatico verdadeiramente excepcional.

A opera da inauguração foi o *Roberto do Diabo*. Borghi-Mamo ao entrar em scena teve uma prolongada ovação ruidosa, que faz honra ao publico portuguez por mostrar que elle se não esquece dos grandes artistas que o fascinam, dos idolos que justamente divinisára na vespera.

Na opera de Meyerbeer, encontrámos um outro nosso antigo conhecido, o baixo Castelmary, que apesar de um pouco gasto de voz, e de cançado pelo tempo, conserva ainda os seus bons recursos d'artista d'escola.

Novos, apresentaram-se-nos no *Roberto*, o tenor Ortis, que possui uma voz fresca e possante, que elle começa agora a educar, e uma primadona loura e gentil, cujo nome nos não occorre e que se fez applaudir por vezes na parte de Isabel.

A scena do claustró do 3.º acto é nova este anno, e pintada pelo sr. Manini. É formosissima e apesar de prejudicada pela luz crua dos globos de Jablockoff, que este anno substituem na iluminação da sala a luz quente e rubra do gaz, o publico saudou-a com applausos, victoriando o notavel scenographo.

E nada mais podemos dizer hoje de S. Carlos, nem tão pouco da sua historia feita pelo sr. Benavides, que hontem lemos com tanto interesse, e de que fallaremos na proxima chronica

Gervasio Lobato.

AS FESTAS DA SENHORA DA ROCHA EM CARNAXIDE

O culto das imagens ha-de ser sempre — que Sua Santidade nos desculpe — um dos pontos fracos da religião catholica. Nunca imaginou de certo Jesus Christo que havia de ser adorado em barro como qualquer das divindades da vizinha Syria, e aqui para nós — Leão XIII deve estar mais bem informado a esse respeito — parece-nos que, se Jesus Christo entrasse agora n'uma igreja catholica, e encontrasse — como reliquia sua — o famoso chicote de que se serviu em Jerusalem para pôr no meio da rua os vendilhões do Templo, tínhamos nova execução, e tanto o clero catholico — seja dito com a devida venia — desconfia do caso que, tendo encontrado todas as reliquias de Nosso Senhor Jesus Christo — a cruz, os cravos, a corôa de espinhos, a tunica, o sangue, e até as proprias lagrimas que elle chorou, só não deu ainda com o tal famoso chicote. É que, se elle apparecesse, Jesus Chisto podia lembrar-se de dar uma volta pela terra, e n'esse caso quem sabe lá se as costas de Suas Reverencias estariam perfeitamente seguras? Imagens nos altares, ex-votos, etc. tudo isto cheira a paganismo que tresanda, não é verdade? E Nosso Senhor Jesus Christo, que, segundo nos parece, não está ha muito tempo nas melhores relações com o Vaticano, e póde não saber o que tem succedido na sua igreja, ere muito capaz de se suppôr outra vez no templo profanado de Jerusalem, e de correr a chicote, para o meio da rua, os padres e os sachristães. Apressamo-nos a dizer que, se por acaso estas palavras são contrarias aos dogmas da Santa Madre Igreja, ás determinações dos concilios, e ás decisões do papa infallivel, as retiramos immediatamente, como bons e fieis catholicos que nos prezamos de ser.

Ora, se o culto das imagens foi introduzido na pura religião de Christo pelo paganismo invasor, se os differentes Jupiteres, que mudavam de nome conforme a invocação diversa que aqui ou alem recebiam, ou conforme os sitios em que se erguia o seu templo, e as diversas Junos ás quaes succedia a mesma coisa, tiveram a habilidade de se metter no christianismo com o nome de Senhor dos Afflictos e de Senhor dos Impossiveis, e de Nossa Senhora das Dóres, e de Nossa Senhora da Conceição e de Nossa Senhora da Encarnação, ou de Senhora de Monserrate, as naiades, e as dryades, as divindades das aguas e das arvores e das grutas e dos rochedos, depois de fugirem aterradas deante da predica austera dos primeiros apóstolos do christianismo, voltaram emfim, com pés de lá, e a pouco e pouco foram retomando posse das fontes e das florestas. Disfarçaram-se as sonsas, tomando a doce mascara de Maria, e

ahi começam a apparecer Senhoras nas arvores e nas grutas, e a terem culto especial, e templos e devotos, a fazerem milagres e a darem um lucro muito rasoavel aos que souberam aproveitar a sua reaparição. Em Portugal fervem as imagens assim milagrosamente apparecidas.

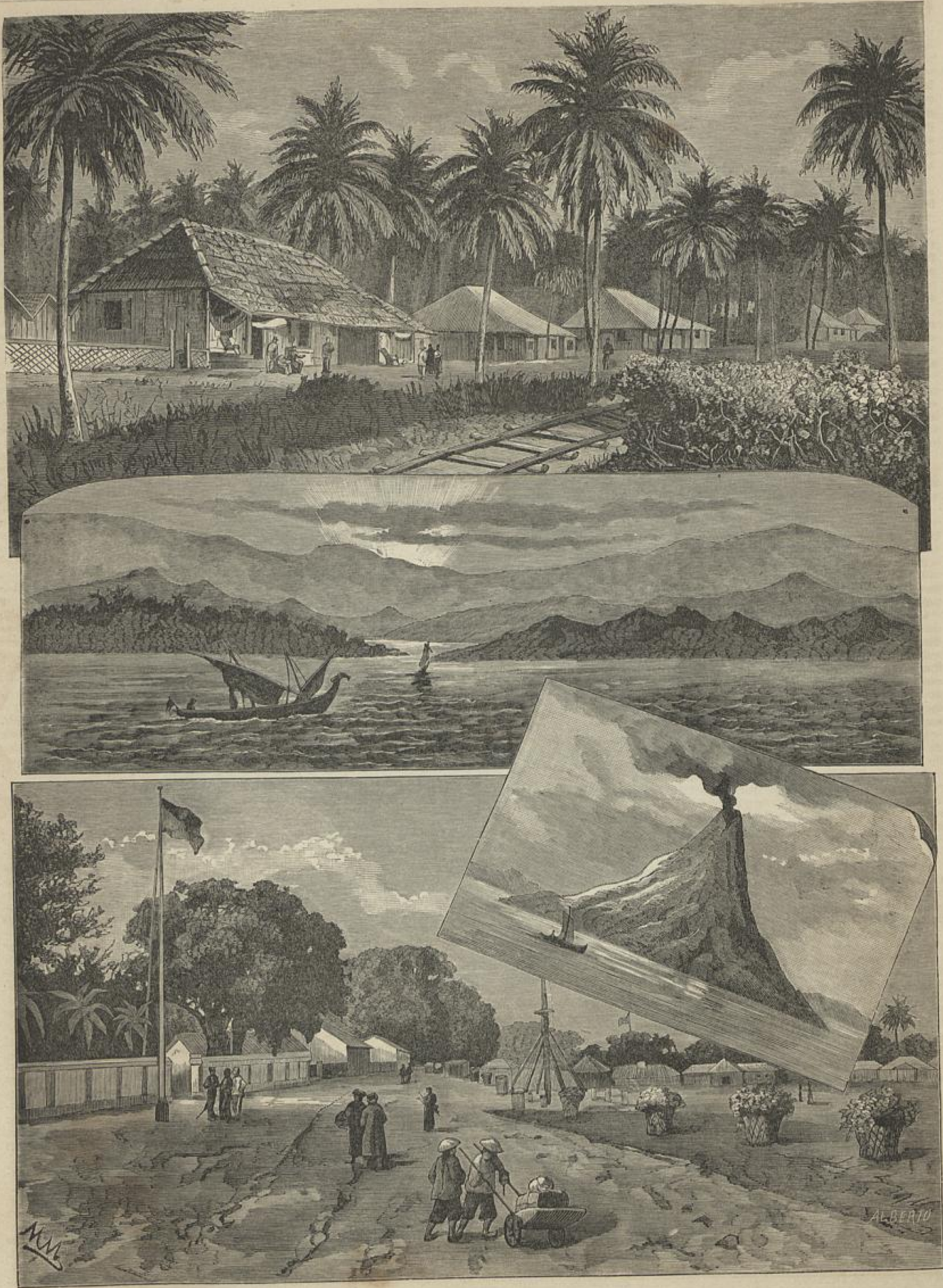
Temos o Senhor de Mattosinhos e o Christo de Barcellos que appareceram nas praias, o Christo de Santarem e o Bom Jesus de Valhelhas encontrados por pastores, o Salvador de Lisboa descoberto por um cavalleiro n'um altar de cera, fabricado miraculosamente pelas abelhas, o Senhor da Pedra em Obidos e o Christo de Ribafeita encontrados por pegureiros, a Senhora da Arrabida que fugiu de uma nau ingleza e andou boiando nas ondas, a da Atalaya que appareceu em cima de uma aroeira, a de Nossa Senhora dos Enfermos de Almargem do Bispo, a de Nossa Senhora do Espinheiro de Evora que appareceu n'uma sarça a um pastor, a da Flor da Rosa que surgiu milagrosamente a pedir que lhe fizessem igreja ao pé do Crato, a de Nossa Senhora da Graça que foi pescada em Cascaes juntamente com o outro peixe, e, quando ella vinha para terra embrulhada com as sardinhas e as lulas, uma creança de peito que estava ao collo da mãe começou a gritar: — Esta Senhora quer que a levem ao mosteiro dos seus frades. — Ainda ha a Senhora da Lapa em Quintella encontrada por uma pastora chamada Joanna, a da Nazareth encontrada por D. Fuas Roupinho, a da Peninha por uma pastora muda e finalmente esta da Rocha de Carnaxide, descoberta por uns rapazotes traquinas, sem fallarmos já na Senhora das Reliquias da Vidigueira e em Santa Quiteria de Meca, e em muitas outras imagens que todas appareceram de um modo miraculoso ou nas lapas, ou nas grutas, ou a baloiçarem-se na rede verdejante das folhas, ou a boiarem nas aguas dos rios ou dos mares.

Nada mais pagão evidentemente do que este culto consagrado, não á Virgem, representada pela sua imagem, mas á propria imagem, ao idolo a que se attribuem miraculosas virtudes. Estes fallam com os devotos que se lhes dirigem, aquelles crescem as unhas e o cabello, outros suam, houve um que atirou consigo a um poço, foi buscar uma colleção de peças preciosas que um ladrão lhe roubára, e deitará á agua para não ser descoberto, e subiu para cima com ellas, agarrado á fateixa. É mais do que paganismo, como võem, é verdadeiramente o fetichismo, é o culto não já propriamente da entidade divina que a imagem venerada representa, mas do proprio pau e da propria pedra de que essa imagem é feita, porque é o pau ou a pedra que faz o milagre, e já outra imagem que não seja aquella, embora tambem represente o mesmo ente celeste, não póde ter a mesma virtude nem produzir os mesmos prodigios. Hoje os unicos povos entre os quaes se conserva ainda o fetichismo são os povos catholicos do sul da Europa, e os povos selvagens da Africa e da Oceania.

Aqui nas festas de Carnaxide tiveram a demonstração bem clara. Não é a Mãe de Deus que o povo adora, não; o que elle adora é o seu idolo encontrado na toca dos coelhos. Discutiui-se vehementemente se a Senhora que voltou para Carnaxide era ou não a mesma que de lá saíra. Se o não é, illudiram a credulidade publica, lograram a boa fé e a simplicidade d'aquelles povos christãos, e, se o engano se descobrir e a verdadeira Senhora apparecer; esta que lá está agora será vergonhosamente expulsa, como tendo occupado um logar que lhe não pertencia.

Mas emfim, não somos nós os encarregados de zelar os interesses da religião christã, e se o Summo Pontifice acha bem que a religião catholica desça das suas alturas de religião espiritualista ao materialismo grosseiro d'este fetichismo completo, está perfeitamente no seu direito. N'este caso da Senhora de Carnaxide estimámos apenas que a imagem voltasse para o poder dos saloios, que n'ella acreditam sinceramente e saíse das maos da irmandade de Lisboa, que tinha a Senhora da Rocha para uso externo, porque elles, na intimidade de sachristia, contavam que a tinham conhecido «pau de lrangeira».

A trasladação fez-se com pomposa cerimonia no dia 30 de setembro. Desembarcou a imagem na praia da Cruz Quebrada, e encaminhou-se processionalmente para Carnaxide. Estes sitios, logo que se perde a vista do rio, são aridos e tristes. Nos montes escavados nem veceja uma arvore. A igreja incompleta, que se levanta sobre o sitio da gruta, ergue as suas paredes ennegrecidas já, á beira de um riacho que de verão só tem pedras, e aquella igreja sem culto e aquelle rio sem agua consolavam-se mutuamente, n'esse deserto, do abandono em que os deixavam as aguas dos montes e os passaros do céu. Agora, por occasião das



TERREMOTO DE JAVA — BAIRRO DOS OPERARIOS EUROPEUS JUNTO DAS PEDREIRAS DE MERAK — AUJER, NA COSTA DE JAVA, DESTRUIDA PELA ERUPÇÃO
— ESTREITO DE SONDA, ILHA DE KRAKATOUA, CENTRO DA ERUPÇÃO — SUMATRA, TELOK BETONG, ENTRADA DA RESIDENCIA DO GOVERNO HOLLANDEZ.

HOSPITAL DE D. LUIZ I

NO PARÁ

(Concluído do n.º antecedente)

A planta do elegante e commodo edificio dá-lhe a forma de um H symbolico, planta que se não chegou a executar no todo pelo despendio, que demandava, e por se tornar desnecessaria ao movimento actual largueza maior do que a que contém a parte concluída, podendo ainda assim considerar-se uma obra completa.

Representa essa parte a fachada principal com um prolongamento ao centro, que lhe dá a forma de um T.

Um gradeamento de ferro em toda a linha principal do edificio separa-o da estrada *Dois de dezembro*, e vae encontrar-se com os muros, que fecham o terreno quadrado, que lhe pertence.

Entre o gradeamento e a fachada principal comprehende-se a parte ajardinada.

Transposta a larga escadaria, entra-se n'um espaçoso vestibulo, a cujos lados, em todo o prolongamento, se encontram, além da casa mortuaria, as diferentes enfermarias.

Em continuação ao vestibulo, ou sala de espera, no corpo central, está o salão, que serve de capella, e tem no topo o respectivo altar; aos lados veem-se os quartos particulares, a pharmacia, a bibliotheca, e outros compartimentos de varia natureza.

Em seguimento e como termo de todo o pavimento central, temos a rouparia, quartos fortes para alienados, sala de jantar, cosinha e suas dependencias.

Voltando ao ponto de partida, subimos a uma escadaria, que nos leva ao segundo pavimento, mais curto que o primeiro, destinado á sala das sessões, e lugar reservado aos retratos dos bemfeitores da associação.

Em 29 de abril de 1877, trinta e nove mezes depois do assentamento da primeira pedra, foi solemnemente inaugurado o formoso edificio sob a zelosa presidencia do sr. Antonio Sobrinho, que adiantara avultadas quantias no correr da obra, onde empregára sempre dois trabalhadores seus gratuitamente, e sob a direcção do sr. Oliveira Catramby a cuja escrupulosa fiscalisação se devem milagres de economia, pois sendo reputado o valor da obra, se fosse feita por conta do estado, a exemplo de outras, em quatrocentos contos, moeda do paiz, importou ella apenas em réis 182:817:851.



IVAN TURGUINEFF

O levantamento do hospital *D. Luiz I*, um monumento, que ha de transmittir aos seculos por vir a influencia dos patriotas, que o levaram a cabo — foi sem duvida o periodo de maior effervescencia e mais afanoso labutar da Sociedade Beneficente.

A comissão edificadora e á directoria de então muito deve ella incontestavelmente.

O emprestimo de 30:000:000 sem juros, realiado entre alguns dos associados é tambem para estes um verdadeiro penhor de gratidão.

De então para cá são ainda muito para notar os serviços prestados por iniciativa dos srs. Antonio Gilberto Moreira, João Pereira da Costa e Domingos José Dias, secundados pelas varias offerendas de dinheiro, soccorros medicos, publicações gratuitas na imprensa, beneficos no theatro e ultimamente pela generosa cedencia dos titulos de divida, que existiam ainda em poder de alguns socios.

O fundo da associação, incluindo o custo do hospital, eleva-se hoje á cifra importante de réis 202:586:780; e o numero dos socios de todas as graduções de 1406.

O empreendimento moderno mais sympathico e altamente significativo e humanitario, proposto pelo sr. Martins de Albuquerque, e levado a effeito em 8 de dezembro ultimo — é sem duvida a creação de algumas camas de caridade, onde á indigencia de qualquer nacionalidade se vae proporcionar conforto nas enfermidades.

Era de ha muito opinião, nossa que sem isso devia considerar-se incompleta a obra humanitaria da associação.

E os recursos para tal fim nasceram como por encanto.

Um simples basar rendeu, em oito leitões 25:898:780 réis; diferentes cavalheiros offereceram 1:939:000 réis; e o beneficio, promovido em 31 de outubro, para solemnizar o anniversario do sr. D. Luiz, pelo commendador Tavares de Amorim, um altissimo coração, uma alma, onde o fogo do mais ardente patriotismo se não apaga nunca, um temperamento privilegiado, que nos faz lembrar os leões portuguezes dos tempos heroicos — esse beneficio produziu 1:798:180 réis.

Total — aproximadamente trinta contos, uma cifra, que vae ser para os escolhidos da má sorte um manancial de allivios, um cofre de benções, destinadas a perfumar os reconditos d'esses corações, onde as provas de generosidade e os instinctos de fazer bem se symbolizam pela mais grata das virtudes — o exercicio da caridade.

Ao tocar n'este sympathico assumpto, são diferentes os sentimentos, que nos assoberbam, e nos fazem vibrar as cordas da alma.



A FESTA DE CARNAXIDE — A GRUTA ONDE APARECEU A IMAGEM DE NOSSA SENHORA — A EGREJA POR CONCLUIR DE NOSSA SENHORA DA ROCHA

(Desenho do natural por Cazellas)

Sensibilizámo-nos, confundindo as nossas homenagens na thuribulação, que a Sociedade Portuguesa Beneficente, do Pará, sobe na voz agraçada dos infelizes; orgulhámo-nos pelo inextinguível lustre, que estes factos acrescentam ao nome portuguez; e sentimos desejos de bradar, bem alto, convictamente, que a autonomia da mãe-patria não correrá risco, emquanto no Brazil houver colonias portuguezas.

Lisboa.

Sanchez de Frias.

DEZ DIAS EM HESPAÑHA

NOTAS DE VIAGEM

(Continuado do n.º 1. 2)

IV

Os theatros em Madrid, não constituem uma parte essencial da vida madrilenha, como por exemplo as touradas e os cafés. Apesar do grande numero de forasteiros de Hespanha, que estavam em Madrid por ocasião das festas do rei de Portugal, nunca vimos um theatro cheio, a não ser o theatro real da Opera, na noite da recita de gala, o que aliás nada quer dizer, porque a recita foi offerecida pelo governo, e todas as entradas gratuitas e por convite, e o theatro hespanhol na noite do espectáculo dedicado pela imprensa madrilenha aos jornalistas portuguezes.

É verdade que a estação theatral ia já muito adiantada, e os principaes actores hespanhoes estavam já fóra de Madrid.

Entretanto disseram-nos, que mesmo em plena epocha theatral não ha extraordinaria influencia pelos theatros, e que custa arrancar a população aos cafés para ir assistir a qualquer espectáculo dramatico.

O theatro italiano, lá como cá, é sobretudo uma questão de luxo, e tem um publico especial e permanente, a *haute gamme* de Madrid.

Das salas de espectáculo a mais elegante que lá vimos foi a do theatro da Comedia. É uma sala formosa e alegre, e que quasi se enchia completamente nas noites em que representava Lucinda Simões, cujo *successo* foi superior ao que em Madrid teve Sarah Bernhardt.

O camarim de Lucinda no theatro da Comedia estava todas as noites cheio por tudo o que havia de mais distincto na litteratura dramatica de Madrid.

Foi n'esse camarim que pela primeira vez encontramos o celebre Echegaray, um dois mais entusiastas admiradores da actriz portugueza.

Echegaray é um homem baixo, magro, de bigode e pera preta, calvo, um homem de apparencia vulgar, de tracto facil e amavel, de modos tão simples, que seria difficil advinhar n'elle o primeiro auctor dramatico das Hespanhas.

Os madrilenos tem por Echegaray uma grande veneração, e o apparecimento d'uma peça d'elle é sempre um acontecimento em Madrid, e motivo para grandes enthusiasmos e calorosas ovações.

Efectivamente Echegaray tem um grande talento dramatico, um poderoso vigor theatral de phrase, e as suas peças tem uma enorme intensidade tragica, um carregado tom melodramatico, perfeitamente hespanhol, que destoa muito da feição do moderno drama francez, mas que agrada immenso ao publico genuinamente castelhana e determina os grandes successos.

O nosso gosto litterario muito mais francez que hespanhol, não morre por este genero de peças, entretanto é necessario reconhecer, que mesmo nas peças mais lugubres de Echegaray, como por exemplo a *Esposa del vengador*, *En el seno de la muerte*, *En el puño de la espada*, *O locura ó santidad*, ha a revelação d'um forte talento e d'um vigoroso pulso dramatico.

Foi tambem no theatro da Comedia que conhecemos outro auctor dramatico agora muito em voga, D. Eugenio Sellés, o auctor do *Nó gordio*, que se representou em D. Maria, e das *Esculpturas de carne*, drama em verso, que teve muito successo em Madrid na epocha passada, successo que actualmente anda correndo as provincias de Hespanha, e outro escriptor theatral muito conhecido em Hespanha e em Lisboa, e que representa a escola franceza no moderno theatro hespanhol, Marianno Pina y Dominguez.

As comedias de Marianno Pina agradam muito em Portugal, e está ahi a prova do enorme successo que teve no theatro do Gymnasio a *Voç do sangue* que nós transplantámos para portuguez do seu *Forastero*, fazendo-lhe apenas as modificações necessarias para a adaptar á nossa terra, mas conservando-lhe intacto o enredo engraçadissimo, bem complicado e excellentemente conduzido, enredo que lhe valeu o seu grande exito.

Encontrámos Marianno Pina y Dominguez, exactamente na noite em qua elle acabára de assistir á sua peça representada pelo grande Tabora.

Marianno Pina é um homem dos seus trinta e tantos annos, extremamente sympathico de barba toda, aparada á hespanhola, e que sabe na ponta da lingua todo o moderno repertorio francez de comedias.

Quasi todas as comedias de successo de Paris tem sido *arregladas* por elle á scena hespanhola, com um grande tacto theatral e um bello criterio do gosto madrilenho.

Ganha rios de dinheiro, porque se a vida theatral madrilenha não tem a animação enorme da parisiense, os direitos de auctor dos theatros de Hespanha, não se parecem inteiramente nada com os direitos de auctor que se pagam em Portugal.

Foi o proprio Marianno Pina y Dominguez que nos informou a este respeito.

Os direitos de auctor nas cinco primeiras recitas de qualquer peça são a quinta parte da receita bruta, e nas noites immediatas a decima parte d'essa receita.

Marianno Pina quando lhes fallámos a primeira vez vinha encantado com o desempenho que Tabora dera ao seu personagem do Forasteiro.

— Nunca esse papel foi representado tão bem, disse elle, Tabora realisou perfeita e completamente o personagem que eu imaginára.

Registamos estas palavras aqui, porque são ellas uma gloria merecidissima para o nosso glorioso Tabora.

O Theatro Español é amplo e bonito, apesar de muito inferior ao theatro da Comedia.

Na noite em que lá estivemos representou-se uma comedia hespanhola de muito nomeada *La phisica experimental* e uma farça n'um acto *Lo do siempre*. Na primeira d'estas peças entrava o actor Catilina que tem muito nome em Hespanha, que é realmente um actor rasoavel, mas está muito longe dos nosos bons actores.

No genero comico vimos ali representor o celebre Hernandez que tem nos theatros de Hespanha uma gloriosa tradição de gargalhadas e de triumphos.

Hernandez é um comico de *bexiga*, que tem graça, mas abusa d'ella, por ter já tomado o pulso ao seu publico e tel-o completamente na mão. Faz o que quer, e sobeja-lhe o tempo e o publico ri-se muito e applaude-o immenso.

As grandes celebridades theatraes da Hespanha, a Mendonza Tenorio, o Calvo e o Vico, não vimos porque como já dissemos andavam pelas provincias.

O theatro Español tem um pequeno *foyer*, onde figuram os retratos dos dramaturgos antigos e modernos mais notaveis da Hespanha, e n'essa galeria lá está o retrato de Echegaray.

O theatro del Principe Alfonso, é um theatro circo, mas muito differente dos theatros circos de Lisboa.

Nós tivemos no Price e temos agora no Colyseu um circo, que pode servir mal de theatro, em certas occasiões.

O Principe Alfonso é o contrario, é um theatro vastissimo que pode, quando é necessario servir de Circo.

Tem duas ordens de camarotes apenas, mas mette uma quantidade enorme de espectadores, o que diga-se de passagem lhe não servia de muito na noite em que lá estivemos, pois apenas havia dois camarotes de segunda ordem alugados, e duas filas de cadeiras com gente. O mais um enorme deserto de palhinha.

N'essa noite uma companhia lyrica italiana, de que era primeira figura, o nosso conhecido tenor Piazza, cantou para os bancos a *Dinorah* de Meyerbeer.

O desempenho foi soffrivel geramente, sobressahindo a cantora que fazia de Dinorah cujo nome nos não recorda mas que se houve d'um modo muito discreto na celebre valsa da sombra.

Os camarotes do theatro do Principe Alfonso, são carissimos como todos os camarotes em Madrid, e extremamente incommodos.

São todos abertos e atraz d'elles, apenas separada por uma grade de ferro, é a galeria barata, para os espectadores que quizerem assistir de pé ao espectáculo, e que para cumulo de incommodo para as pessoas que estiverem nos camarotes podem fumar, d'alem da grade.

Quem está no camarote paga muito mais, é obrigado a deixar-se incommodar pela visinhança e pelo fumo dos espectadores baratos, e não tem o direito de fumar sequer um cigarro.

Esse direito começa na grade divisoria, o que é d'um disparate pyramidal.

Alem d'estes só vimos mais dois theatros, o da Opera, onde assistimos á recita de gala, e o da Zarzuela onde comemos o jantar que nos foi offerecido pela imprensa madrilenha.

Referir-nos-hemos a elles quando fallarmos d'esse banquete e d'essa recita

(Continúa.)

Gervasio Lobato.

HISTORIA DE MAGDALENA

(Continuado do n.º 172)

II

Eu estava toda vestida de preto. Uma corôa de rosas brancas pousava-me sobre as madeixas do meu cabello fluctuando em ondas d'ouro.

Os meus peitos semi-nús fariam desmaiar na alvura os da Esposa divina do Canticos dos Canticos.

Brilhavam-me nos olhos todos os lumes do amor e do extasi, e na face a pallidez maviosa da commoção e da temura.

A visão beatifica devia ser assim para o artista mais illuminado.

Era bella, como Deus, e o meu retrato, por mais perfeito que fosse, havia de esmorecer o brilho da minha formosura extraordinaria.

Elle beijou a tela para onde subia toda a inspiração de sua alma, e com as lagrimas nos olhos começou a traçar os primeiros lineamentos do meu rosto.

Depois deixou cahir o pincel das mãos trémulas, e fitou-me com uma profunda tristeza.

Pouco a pouco incendiou-se-lhe em brilho esplendido a fronte elevada, coruscou-lhe em raios de luz divina o olhar quasi enublado, agitaram-se-lhe frementes os labios, e cahiu de joelhos diante de mim, afflicto não sei por que doloroso ancair d'alma, que se internava amargamente no meu coração.

Eu inclinei-me meigamente para elle, e beijei-lhe a fronte escandecida, e entrelacei os meus braços ao seu pescoco, e apertei-o contra o meu seio palpitante, e dei-lhe todos os calores da minha paixão ardente, perdida de amores, perdida por elle.

Então senti labios de fogo a queimarem-me os peitos, uma commoção indifinivel, misto de prazer e de dor suavissima a inundar-me todo o corpo de delicias, o desmaio d'um extase voluptuoso a pungir-me em ancias d'intima afflicção ineffavel; senti Deus ao pé de mim, o ceu n'um longo e ultimo beijo.

Depois, ao acordar d'aquelle sonho dos eternos deleites dos anjos, vi-me nua como a primeira mulher ao comer o pomo da arvore vedada. Subiu-me o rubôr ás faces, quiz esconder-me de mim mesma, e fugi.

Entre no sanctuario das saudades de minha mãe, no quarto onde ella morrera, e onde a sua imagem me apparecia sempre nos sagrados penhores, que me legara, da sua affeição santissima, e chorei as primeiras lagrimas do arrependimento.

— Porque será, dizia eu, que não podemos beber o calix do nectar do amor, sem que nos amargue o ultimo trago?

Será a previsão do amor eterno de Deus, do eterno prazer da beatitude divina, que nos atrahete, e se deixa preadivinhar n'este desfallecimento, que segue todas as grandes emoções da alma humana?

Eu invoquei o espirito de Deus, e pedi-lhe que serenasse a angustia dolorosa, que me despedaçava o coração.

Mas o seu espirito não desceu ao intimo da minha alma, e a solidão a mais profunda deixou-me arrancar todos os suspiros.

Onde estava o anjo da infinita misericordia? Religião! Religião! nem tu me abriste os braços, nem tu elevaste nas azas brancas da fé e da esperança a infeliz que se queimára na luz do amor.

A cruz sumira-se-me entre as lagrimas do remorso, e Deus era uma coisa mysteriosa, vaga, impalpavel que me fugia como a ultima sombra da noite, como a derradeira estrella do ceu, ao destender-se o longo manto d'ouro e purpura no horizonte illuminado dos primeiros fogos do dia. Eu tinha adivinhado a terrivel sciencia do mal.

O mundo abria-se-me, panorama vastissimo de prazeres mentirosos e velados desconfortos; de

alegrias assassinas e felicidades traçoceiras; d'omnioda desolação.

E eu corri para elle com os braços abertos, porque me animava a esperança de que no fim havia de encontrar o gelo que me petrificasse o sentimento.

(Continúa.)

Guimarães Fonseca.

RESENHA NOTICIOSA

FECUNDIDADE. A 8 de setembro ultimo uma mulher da freguezia da Candelaria, da ilha do Pico, deu á luz uma creança, isto era na noite de sexta feira para sabbado; no domingo nasceram-lhe mais duas creanças. D'estas tres, duas são do sexo feminino e uma do masculino.

ATRAZO DOS COMBOIOS — Repete-se frequentemente nas nossas linhas de caminho de ferro este facto, prejudicialissimo para as relações commerciaes e da vida commum, sem que saibamos ou vejamos as companhias autoadas e multadas por elle, e sem que as mesmas companhias se incomodem a dar ao publico explicações. As companhias em Portugal consideram-se donas do publico e suas superiores, quando não são mais do que servidas d'elle; é elle quem lhe paga, e elle que é o senhor e proprietario deve ser attendido e bem servido. Sabbado 6 do corrente, o comboio descendente chegou cerca de tres horas depois da regularizar, porque o ascendente descarrilou antes de Villa Franca; domingo 7 chegou o mesmo comboio com uma hora pouco mais ou menos de atrazo, porque esse ou o ascendente *cançou* no caminho, isto é, faltou-lhe combustivel ou agua, o que não é caso de força maior, mas incuria e desleixo. A casa da estação antes da chegada do comboio é uma vergonha para a capital de um paiz civilisado. Centenaes de pessoas, a maioria de pé, esperam n'uma sala pouco confortavel, de 14 a 20 metros de fundo, por 7 a 10 de largo, e onde inultuosamente se ostentam oito ou dez placas de bicos de gaz, uma das quaes apenas bruxolea, como uma lamparina que allumia o quarto de um defunto pobre. Passa-se a hora regularizar, um quarto, meia hora, uma, duas e nenhum dos empregados vem dizer ás centenas de pessoas, que esperam ansiosas familia ou amigos, o que houve; se a algum, que apparece, se faz pergunta a esse respeito, responde: *o comboio vem atrazado, não ha novidade*; um amigo disse que se devia emendar a phrase para: *não é novidade*. E nada se faz na estação á hora prescripta, e a escuridão dos tumulos envolve os que esperam. Depois á ultima hora faz-se a venda dos bilhetes de plata-forma, com precipitação e aperto, porque quanto maior foi a demora mais o publico se apressa, e tudo é irregularidade e confusão. No resto dos paizes civilisados as estações estão sempre brilhante e caprichosamente allumiadas, o publico é logo informado de qualquer atrazo, para saber o que ha-de fazer, e as companhias são multadas. Na Cafraria não sabemos se se segue o costume portuguez.

PESCA DO BABALHAU. — Uma companhia formada na ilha do Fayal para este importante fim, foi bem succedida na sua primeira tentativa. No dia 10 de setembro chegava á ilha a escuna *Hortense*, tendo saído d'alli havia quatro mezes, e pescado cerca de 1600 quintaes d'aquelle excellente peixe, e ha-de ainda lançado ao mar, durante um temporal, o oleo de figado que havia obtido. A tentativa foi coroada de bom resultado, e o pescado no valor aproximado de doze contos de réis, contava-se viesse para Lisboa.

FALLECIMENTO E DEMONSTRAÇÕES. — Falleceu no dia 15 de setembro ultimo em Ponta Delgada a illustre dama, que era alli intitulada a *mãe dos pobres*, a sr.^a viscondessa da Praia, D. Anna Theodora do Canto Medeiros, digna viuva e continuadora das virtudes do visconde do mesmo titulo Duarte Borges da Camara Medeiros, que foi o verdadeiro protector de todos os necessitados e de muitas vocações que hoje illustram a patria. As manifestações feitas por occasião da morte e funeral da illustre finada, nunca se fizeram alli, nem em muitas outras partes, a um simples particular, e a uma dama. A maior parte dos estabelecimentos commerciaes e industriaes cerraram as portas, obras publicas e particulares suspenderam os trabalhos, por voto espontaneo dos operarios; a maior parte dos navios estrangeiros e nacionaes surtos no porto conservaram durante tres dias as vergas cruzadas e no dia do funeral distribuiram-se esmólas a cinco mil pobres. Mais de dez mil pessoas acompanharam o cortejo funebre, encorporando-se n'elle dezeseis philarmonicas particulares. O feretro era levado á mão pelos netos da nobre finada.

A viscondessa da Praia nascera a 13 de maio de 1800, e pelo seu casamento com Duarte Borges ficou a sua casa, sendo uma das primeiras do paiz em fortuna. A mãe da sr.^a viscondessa D. Clara Joaquina Isabel do Canto Medeiros deixou um nome sempre commemorado pelas suas virtudes e caridade; seu avô Gaspar de Medeiros, para celebrar o nascimento do seu primeiro filho, dispendeu vinte contos de réis em remir das prisões quantos n'ellas estavam retidos por dividas, pagando ainda todas as custas dos processos.

Da enorme fortuna dos viscondes da Praia é erdeiro seu filho o conde da Praia e de Monforte, que tambem erdou a avultadissima fortuna do visconde de Monforte, de quem a sr.^a condessa é filha.

AGITAÇÃO NA IRLANDA. Não cessaram de todo as agitações n'esta infeliz ilha. Dêmos a pag. 51 e 126 do nosso 5.^o vol. noticia resumida do que era este movimento, das suas causas e efeitos. Descobertos os assassinos de Lord Cavendish e de Burk foram condemnados e supplicados, e o seu denunciante, Carey, foi mandado para a colonia do Cabo. Alli não ficou seguro porque a implacavel vingança das sociedades secretas lá o foi buscar e fez cabir sob o punhal de O'donnell. A justiça divina, porém, não dorme, e O'donnell cahiu nas mãos das auctoridades inglezas e hoje está em uma segura prisão, e naturalmente os seus dias estão contados. Como se sabe Parnell foi o primeiro, que, como deputado, levantou a sua voz a favor da sua patria. Esteve preso, mas a prisão não lhe perverteu o espirito e não tem concordado com as scenas de sangue e de destruição que os seus patricios tem produzido, e por isso agora tambem lhe chegou a vez de os intransigentes regeitarem a sua influencia. Um *meeting* ou reunião publica que os seus partidarios promoveram em Dublin e que devia celebrar-se no dia 26 do mez passado foi impedido á força pelos anti-parnellistas. O governo teve que chamar áquella cidade uma força de policia e tropa para manter a ordem.

ACTUALIDADES SCIENTIFICAS

O TORNQUETE HYDRAULICO DE SIPHÕES REPUXANTES, DE SILVA PINTO

Ao par dos consideraveis progressos, realizados durante estes ultimos trinta annos, pelas sciencias physicas, um bom numero de novas machinas, appparelhos e instrumentos se tem imaginado e construido, para demonstrar, praticamente, principios e leis fundamentaes das sciencias, e para servirem, como indispensaveis e poderosissimos auxiliares, que são, nas investigações fecundissimas da philosophia experimental.

Graças a esses vehiculos ou intermedios materiaes, um trasvasamento incessante se vae operando de conhecimentos e de factos applicaveis, que por muito tempo pertenceram ao dominio exclusivo das sciencias especulativas, para o campo da vida pratica, onde, além de prestarem notaveis serviços ás necessidades e gosos variadissimos da actual civilização, promovem, de um modo gradual, facil, agradavel, e, por vezes, recreativo, a instrução das classes sociaes, maravilhando-as pelos efeitos surprehendentes de phedomenos admiraveis, e pela revelação dos mysterios e dos segredos das forças da natureza, em tudo e sempre devidos aos dois eternos e inseparaveis factores universaes, — *o movimento e a materia*.

E porque é a *physica*, talvez, a sciencia que, auxiliada pelos varios ramos dos conhecimentos humanos, mais tem contribuido, não só hoje, mas em todos os tempos, pelos seus admiraveis trabalhos e descobrimtos, para o consideravel progresso e desenvolvimento material e social, que actualmente possuímos e gosamos; a sua divulgação, por todas as formas, e por todos os meios, é um facto e um expediente necessarios, e para ella, todos aquelles que podessem, deveriam, com affinco e pressurosos, incessantemente concorrer.

Veem estas considerações a proposito, e como que para justificar a apresentação de um novo appparelho de physica, destinado á demonstração experimental das *pressões lateraes*, exercidas pelos liquidos, e dos efeitos dos *siphões*.

O leitor sabe perfeitamente, que quando tapa ou fecha com o dedo um orificio lateral de um vaso, por onde jorra com força um jacto liquido, o dedo é repellido fortemente pelo liquido, e é preciso empregar um certo esforço, para impedir o esgotamento do fluido. Ora, essa *pressão lateral*, realisando-se a experiencia em boas condições, é capaz de imprimir o movimento de translação ao vaso, se, por exemplo, o fizermos boiar sobre

a agua, apoiado em um disco de cortiça ou fluatador.

Demonstra-se, geralmente, como todos sabem, nos cursos de physica experimental, mechanica applicada, etc., a *existencia das pressões lateraes dos liquidos*, pelos *effeitos* que ellas produzem sobre certos mechanismos.

O appparelho ordinariamente empregado n'essa demonstração, é o chamado *tornquete hydraulico* ou *appparelho de reacção*, composto essencialmente de um vaso, que póde girar sobre o seu eixo, terminado, inferiormente, por dois tubos horizontaes abertos e recurvados, horizontalmente, em sentido contrario, nas suas extremidades livres. Enchendo o vaso de agua, e deixando-a esgotar pelas extremidades curvas dos dois tubos, o vaso toma o movimento de rotação continuo em virtude das *pressões lateraes* exercidas pelo liquido nas partes curvas ou cotovelos dos mesmos tubos.

Ha já alguns annos, o sr. E. Rousseau, professor na Universidade de Bruxellas, imaginou e fez executar, para servir na mesma demonstração, um appparelho muito mais simples, e que consiste em um tubo de vidro, recurvado em forma de siphão, tendo a extremidade do ramo maior curva, n'uma direcção perpendicular ao plano dos dois ramos, e podendo mover-se em torno de uma aste, enfiada no ramo mais curto, e fira, verticalmente, no fundo de um vaso cheio de agua. Quando se aspira o liquido pela extremidade curva d'este siphão, começa logo o esgotamento, e o appparelho, em virtude da *pressão lateral*, que allí se exerce, toma o movimento circular, como um *tornquete* em acção.

Muito recentemente, o sr. Ducretet, de Paris, construiu um outro appparelho, para o mesmo fim, com dois siphões como o descripto acima, de ramo mais curto, commum e central, apoiado, internamente, sobre um fulero, em volta do qual podem girar, fixo dentro do vaso que contém o liquido que serve na experiencia.

N'este dispositivo, o esgotamento do liquido pelos ramos maiores dos siphões, produz-se ainda por *sucção*, e, para isso, ha dois tubos parallelos a estes, communicando, superiormente, com outro muito mais curto, e inferiormente com as extremidades curvas dos siphões. Tapando com os dedos os orificios de saida do liquido, e *aspirando*, com a boca, pelo tubo curto, os siphões enchem-se do liquido em que mergulham; destapando agora aquelles orificios, o liquido esgota-se por elles, e os siphões começam a rotação.

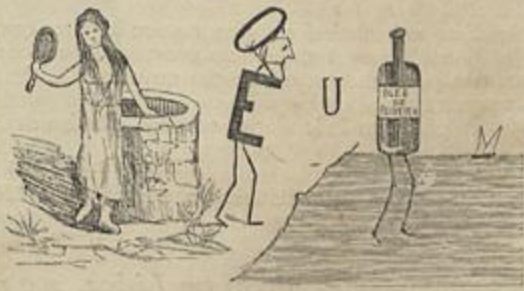
Eu modifiquei, primeiro, e simplifiquei este appparelho, suprimindo-lhe os dois tubos parallelos aos ramos de esgotamento dos siphões, e, alem d'isto, rematando a parte superior do tubo central (T) com o dispositivo *a a e*, indicado na fig. 1, mediante o qual eu faço o *escorramento* ou promovo o esgotamento do liquido pelos siphões, não por *sucção* ou *aspirando*, mas *injectando o ar*, com a boca, pela pequena embocadura *e*. Com effeito, fazendo-se isto, o liquido opprimido pela compressão do ar dentro do tubo central T, estrangulado ou meio fechado em *c*, eleva-se nos ramos dos siphões *b' b'* (fig. 1.^a e 2.^a), desce em seguida pelos ramos de esgoto *b b*, e sae pelas extremidades em cotovelo, fazendo entrar o appparelho em rotação; movimento este que se póde aproveitar em varias experiencias d'optica, e algumas outras de physica.

Mais tarde amplifiquei este modelo e, compuz um dispositivo (fig. 2.^a e 3.^a), que funciona como *tornquete hydraulico* e produz, simultaneamente, dois jactos liquidos repuxantes e rotativos, elevando-se, pela acção de dois siphões, a *altura muito superior á do nivel do liquido no reservatorio*.

Este appparelho, a que eu chamo — *tornquete hydraulico de siphões repuxantes* — compõe-se de dois siphões *descontínuos*, rotativos como os de Rousseau, de vidro, conjugados *bbb'b'* (*), cujos ra-

(*) Para evitar repetições, as mesmas letras das figuras designam as mesmas peças nos dois appparelhos.

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente: O almanach do *Occidente* sae brevemente.

mos *b'b'* communicam superiormente com o interior do balão de vidro *d*, betumado ou lacrado, assim como o tubo de vidro central *T*, á peça metálica *a a e*, que repousa sobre o fulcro que termina a columna de crystal *f*, cuja base se acha fixa dentro do vaso de vidro ou reservatorio *R*. Uma bacia *B B*, munida de torneira, recebe a agua esgotada pelos siphões, durante o funcionamento do aparelho.

Para pôr em acção o instrumento, enche-se de liquido (agua corada pelo encarnado ou azul de anilina) o vaso *R*, e injecta-se o ar, rapidamente, com a bocca, como acima disse, pela tubuladura *e*, communicante com a parte interior do tubo central *T*. O liquido do reservatorio, *R*, subindo primeiro pelos ramos dos siphões *b'b'*, repuxa dentro do balão *d*, d'onde se esgota, pelos ramos de esgoto *b b*, produzindo-se immediatamente o movimento circular continuo das peças rotativas ou systema movel.

Se o nivel do liquido estiver muito baixo dentro do reservatorio *R*, faz-se primeiro subir o liquido, aspirando pelo pequeno tubo *e*, até encher completamente o tubo *T*, acto continuo injecta-se o ar com promptidão, e o esgotamento do liquido se produzirá no mesmo instante.

A altura *h'* que deve attingir o jacto acima de *h*, depende do comprimento do ramo maior do siphão, e é igual, theoreticamente, á distancia *n'n*, a resistencia do ar, porém, a fricção do liquido nos tubos, etc., retarda um pouco o movimento, e encurta a altura do jacto repuxante.

Finalmente, pode-se attenuar a fricção produzida sobre o fulcro *f*, fechando hermeticamente a abertura *e* (mediante um tubo de cauchouc e uma ponta de vareta de vidro), depois de ter começado o esgotamento e de ter injectado ar no tubo central *T*. Pelo deslocamento da agua, produzido pelo ar, dentro d'este tubo, o systema rotativo torna-se mais leve, e o attrito sobre *f*, um pouco menor.

Tirando pela torneira da bacia *B*, a agua esgotada pelos siphões e lançando-a de novo no reservatorio *R*, a experiencia póde continuar indefinidamente.

Junho de 83.

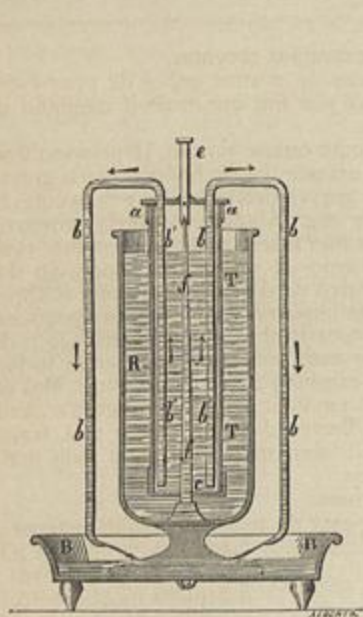
M. U. da Silva Pinto.

(Do Instituto Industrial de Lisboa).

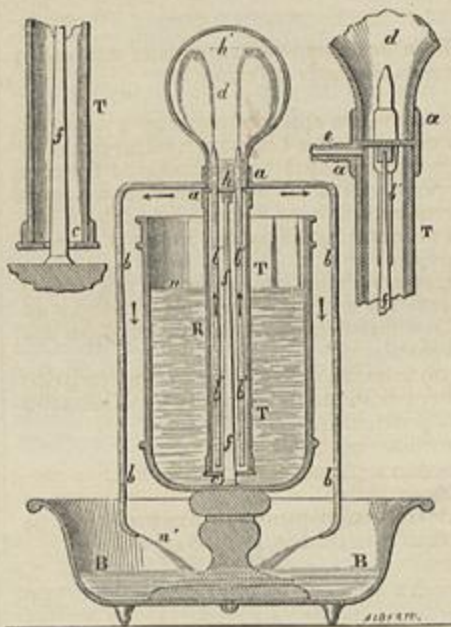
PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

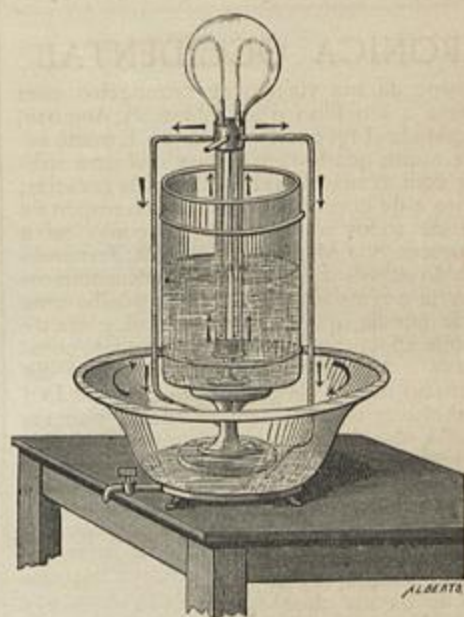
O ABOLICIONISMO, por Joaquim Nabuco, Londres, typographia de Abraham Kingdon & C^o, 1883. É um volume em 8.^o de 256 paginas que o seu auctor acaba de publicar em Londres, onde se



(Fig. 1)



(Fig. 2)



(Fig. 3)

TORNIQUETE HYDRAULICO DE SIPHÕES REPUXANTES DE SILVA PINTO

acha ao presente. Joaquim Nabuco está já consagrado como um dos mais benemeritos da humanidade, desde que se manifestou o mais decidido apostolo da emancipação do escravo.

Quando a sua eloquente voz se levantava no parlamento brasileiro em prol da liberdade do escravo, essa voz echoava por todo o mundo em harmonias suaves, como um cantico de alvoradas redemptoras.

O Brazil dava o seu primeiro passo para a sua regeneração moral, e mais tarde votava leis tendentes a acabar com a escravidão.

O livro de Joaquim Nabuco é o primeiro de uma série d'elles, em que o seu auctor historiando todos os factos que se tem succedido na santa cruzada de libertar o escravo, continua na propagação d'esta ideia, com todo o vigor de argumento e energia, com que desde o principio tem sempre acompanhado esta questão importante.

O CONTEMPORANEO, proprietario João de Almeida Pinto, n.^o 127 do 10.^o anno d'este periodico

que conta entre os seus collaboradores os mais escolhidos escriptores portugueses.

A FACA DE MATTO de Raphael Zacharias da Costa, por Victoriano Braga, Lisboa Typographia Castro Irmão 1883. Folheto de 16 paginas contendo a descripção e historia d'esta preciosidade artistica, que tem tido uma longa peregrinação, que já chegou a ser engolida pelo Oceano, e que ao presente se acha da Exposição de Ourivesaria, no Palacio de Crystal do Porto.

O ELEGANTE, Jornal de Modas para homens, senhoras e creanças, dedicado particularmente aos alfayates, etc. David Corazzi, editor, Lisboa. N.^o 4 correspondente a 1 de outubro. É uma publicação muito completa, no seu genero.

A MODA publicada por Costa Braga & Filhos, Porto. N.^o 4 do 2.^o anno com figurinos dos chapéos fabricados nas officinas dos srs. Costa Braga & Filhos, e que estes senhores offerecem trimen-

salmente aos consumidores e revendedores da sua fabrica.

A MULHER, Revista illustrada das familias, directora Eliça Caodur, Lisboa. N.^o 127 a 130 d'este semanario que insere artigos muito apreciaveis, e que tem melhorado ultimamente o seu aspecto material.

Á VOLTA DO MUNDO, Jornal de Viagens e de Assumptos Geographicos, directores litterarios dr. Theophilo Braga e Abilio Lobo, etc. Empreza Litteraria Luso-Brazileira, editora, Lisboa. N.^o 16 e 17 do 3.^o anno correspondente a agosto e setembro.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

TYPOGRAPHIA ELZEVIANA — LISBOA
Rua Oriental do Passeio, 8 a 20

ALMANACH ILLUSTRADO DO OCCIDENTE PARA 1884

(3.^o anno de publicação)

Este almanach é o unico, no seu genero, que se publica em Portugal.

Illustrado com magnificas gravuras de monumentos e paisagens de Portugal, copias de quadros de artistas portugueses, e retratos de notabilidades, com uma secção de necrologio do anno, illustrado com retratos.

A parte do calendario, tabellas e todas as indicações uteis para o publico, é das mais completas.

Uma linda capa a aguarella a côres, pintada pelo distincto scenographo MANINI, e executado na Lithographia GUEDES

UM ENYGMATA A PREMIO

Preço em Lisboa, 200 réis. Pelo correio, 220 réis.

Á venda na EMPREZA DO OCCIDENTE, Rua do Loreto, entrada pela Rua das Chagas, 42, em todas as livrarias e em casa dos senhores correspondentes d'esta empreza.

ALLEGROS E ADAGIOS

POR JAYME DE SEGUIER

Um elegante volume primorosamente impresso em papel superior

500 RÉIS

Acaba de sahir a publico e está á venda em casa dos editores

CAETANO ALBERTO & FARO

8 a 20, Rua Oriental do Passeio, 8 a 20

LISBOA

Nas principaes livrarias e na

EMPREZA DO OCCIDENTE

Envia-se franco de porte.